

Um instrumento linguístico eventual: a “dicionarização antirracista de *Instagram*”¹

An eventual linguistic instrument: the "anti-racist dictionarization of Instagram"²

Matheus Oliveira Souza

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Este trabalho objetiva investigar, à luz da teoria da Análise de Discurso de orientação materialista, a atuação de perfis da rede social *Instagram* que, atravessada pela discursividade racial, simulam o funcionamento de instrumentos linguísticos como dicionários e cartilhas, em alguma medida. Tais perfis combatem os usos de termos e expressões que, de acordo com certa interpretação linguística vinculada à militância negra, foram constituídas por meio de uma origem colonialista/racista, isto é, tentam trabalhar com o que se imagina ser a explicação etimológica/histórica dessas expressões e propõem outras alternativas. Desse modo, este estudo pretende não só analisar os discursos racializados sobre a língua, em circulação no *Instagram*, mas também, observar a maneira como perfis do *Instagram* simulam a função de instrumentos linguísticos tradicionais, chegando a ser classificado como um *instrumento linguístico eventual*. No processo de montagem do arquivo, do qual extraímos nosso *corpus* de análise, depara-me com uma regularidade que se substancia pela relação entre denúncia e sugestão. Isto é, os perfis denunciam palavras e expressões consideradas racistas e prescrevem outras opções com sentidos similares. Sendo assim, busco tensionar os discursos ali postos em circulação dissimulados pelo efeito de evidência, produzindo, assim, uma abordagem normativa.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Instrumentos linguísticos; Discursos racializados; Dicionário; *Instagram*.

Abstract: This study aims to investigate, in light of the materialist-oriented Discourse Analysis theory, the performance of Instagram social media profiles that, influenced by racial discursivity, simulate the functioning of linguistic instruments such as dictionaries and manuals, to some extent. These profiles combat the use of terms and expressions that, according to a certain linguistic interpretation associated with black activism, were constituted through a colonialist/racist origin. In other words, they try to work with what is imagined to be the etymological/historical explanation of these expressions and propose other alternatives. Thus, this study aims not only to analyze racialized discourses about language circulating on Instagram but also to observe how Instagram profiles simulate the function of traditional linguistic instruments, even coming to be classified as an eventual linguistic instrument. In the process of assembling the archive, from which we extracted our corpus for analysis, I encountered a pattern that is substantiated by the relationship between denunciation and suggestion. That is to say, the profiles denounce words and expressions considered racist and prescribe alternative options with similar meanings. Therefore, I seek to tension the discourses circulating there, disguised by the effect of evidence, thereby producing a normative approach.

Keywords: Discourse Analysis; Linguistic Instruments; Racialized Discourses; Dictionary; Instagram.

¹ Esta pesquisa é fruto do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) a partir do qual pude recortar as reflexões para desenvolver este artigo.

² This research is the result of my Course Completion Work from which I was able to cut out the reflections to develop this article.

Submetido em 31 de julho de 2023.

Aprovado em 04 de setembro de 2023.

Introdução

Neste estudo, empreendo uma discussão que se refere a dispositivos tecnológicos que, eventualmente, descrevem e instrumentalizam a língua por meio de publicações de perfis da rede social *Instagram* que fazem um atravessamento entre a discursividades linguística e racial a partir de publicações, que dicionarizam alguns termos e expressões compreendidas como racistas.

Com o propósito de investigar o funcionamento de tais perfis, traço aqui os seguintes objetivos: identificar os perfis da rede social *Instagram* que simulam o ofício dos dicionários e seus respectivos funcionamentos; caracterizar a ferramenta estudada como um material que simula o funcionamento de um instrumento linguístico, a fim de compreender como nele opera a descrição e a instrumentalização dos discursos racializados³; produzir uma reflexão crítica que, no campo da linguagem, contribua com a discussão sobre a relação entre a problemática racial e o ensino dos usos lexicais na esfera digital.

À vista disso, mobilizo um dispositivo teórico-analítico formado por meio do cruzamento entre a Análise de Discurso de orientação materialista, através dos estudos de Orlandi (2007) e Lagazzi (1988) que nos permitirão analisar o funcionamento discursivo conforme as demandas materiais em voga; a História das Ideias Linguísticas, a partir de Aurox (2009); Zoppi-Fontana (2009); Ferreira (2020) pondo em questão a constituição de um instrumental que nos permita fazer uma análise metalinguística; e os Estudos de Raça, ensino e linguagem, por intermédio de Gonzalez (1984), Modesto (2021) e Nascimento (2021), dada a necessidade de compreensão das tensões raciais nos limites da língua.

Dessa maneira, explorar a possibilidade de perfis do *Instagram* funcionarem como uma ferramenta que orienta os usos linguísticos com um caráter antirracista, além de ser uma proposta contemporânea, isto é, mais próximo da realidade das gerações recentes, aponta para uma direção que diz respeito às materialidades de caráter didáticos presentes em suportes tecnológicos não tradicionais, possibilitando o desenvolvimento de

³ Modesto (2021).

discussões e reflexões críticas em torno da língua e seus usos por intermédio de uma rede social.

Acredito que seja de grande importância estudar a respeito da relação entre língua e raça nesse suporte tecnológico, tendo em vista a sua grande popularidade e relevância dentro do contexto digital. Nessa perspectiva, entendo que tal proposta venha a contribuir com a reflexão crítica acerca da relação entre língua e racismo, questionando o que tem circulado nas redes sociais, as quais, por sua vez, ao se portarem como instrumento linguístico, podem tanto produzir uma educação linguística antirracista, quanto tornar-se um meio de circulação de ideias com grande influência do *sensu comum*.

Portanto, este estudo está organizado do seguinte modo: em primeiro lugar, na fundamentação teórica, exploraremos o processo conhecido como gramatização e a noção de instrumentos linguísticos (AUROUX, 2009) com o intuito de situar nosso objeto de análise como tal. Além disso, discutiremos em torno da maneira como nosso objeto de estudo materializa um discurso sobre a língua, que aponta também para a discussão racial. Na sequência, mobilizo uma noção de instrumentos linguísticos eventuais em consonância com uma análise a partir de sequências discursivas, as quais envolvem postagens em torno da palavra *denegrir*, a fim de compreender os efeitos de sentido produzidos e suas ressonâncias no *político* (ORLANDI, 2007).

Considero que esta pesquisa é muito cara para o avanço dos estudos no seio da AD e da HIL, uma vez que temos como propósito desenvolver um trabalho crítico que possa contribuir, sobretudo, para os estudos linguísticos que inscrevem, na discussão, o caráter incontornável das questões raciais.

1. A rede social *Instagram* como um instrumento linguístico possível

A partir do olhar constituído pela relação de um usuário que migra para a posição de analista, compreendemos que a função primária do *Instagram* é proporcionar interações entre sujeitos a partir de perfis que trocam mensagens e publicam mídias, tal qual fotos e vídeos, impactando, em larga escala, como uma ferramenta de entretenimento:

Hoje as máquinas/os instrumentos digitais do saber podem ser os mesmos utilizados para descontração/entretenimento, se consideramos os computadores, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Cabe ao sujeito “a decisão”, a tomada de posição frente às máquinas/aos instrumentos digitais (PETRI; GUASSO, p. 278, 2020).

A maneira que a tecnologia será explorada dependerá de como o sujeito vai preferir se inscrever nessa rede social, a qual permite que o usuário se relacione/socialize de formas diversas. O modo de contato com o outro pode variar conforme os interesses do sujeito e também de acordo com a sua posição-sujeito. Além do propósito já exposto, a rede social possibilita a criação de conteúdos sobre diversos assuntos, adaptados ao formato da plataforma, por intermédio de páginas que integram determinados campos discursivos, como esporte, jornalístico, *fofoca*, culinária, moda, humor etc. Dentre essas áreas, também estão perfis que tensionam problemáticas sociais.

Nessa direção, as redes sociais, de modo geral, incluindo o *Instagram*, podem apresentar características comuns de outros espaços, inclusive características de instituições educacionais, lemos o seguinte: “[...] não há como escapar da re-significação da concepção de ensino-aprendizagem com as mídias sociais, portanto, não há como escapar às formas de divulgação em (dis)curso que produzem sentidos a partir dessa re-significação” (DIAS; COUTO, 2011, p. 636).

Dias e Couto (2011) também declaram que através das redes sociais, existe uma constituição de um sujeito do conhecimento no espaço digital, no qual tem acesso a inúmeros saberes, mas que também produz conhecimento. Em outras palavras, este sujeito se constitui não só pelo o que consome/acompanha na rede social, mas também pelo o que ele mesmo coloca em circulação, conforme suas respectivas posições sujeito e seus respectivos processos de identificação em que não é apenas instado a interpretar (ORLANDI, 2007), mas também de pôr em circulação para que, inconscientemente, outros sujeitos o façam.

No campo digital, alguns perfis veiculam discussões acerca do elemento racial e da discursividade linguística, focalizando os usos do léxico e de expressões cristalizadas da língua portuguesa. Nessa direção, tais perfis dizem combater usos de termos e expressões que, de acordo com certa interpretação linguística vinculada à militância negra, foram constituídas por meio de uma origem racista, isto é, tentam trabalhar com o que se imagina ser a explicação etimológica/histórica desses termos e propõem outras alternativas, com sentidos similares.

Este gesto se assemelha com a função de dicionários ao fornecer o significado de determinado termo e suas possíveis origens. As páginas das redes sociais, desse modo, são a representação de um usuário, independentemente de serem administradas por mais de uma pessoa, o discurso sobre uma palavra, surge de um *sujeito lexicográfico* (NUNES,

2010), o qual seleciona e decide produzir sentido, fazendo ressoar a posição da qual o discurso se constitui, por exemplo:

[...] um missionário da Época Colonial, nas circunstâncias da colonização no Brasil, ao elaborar um dicionário português-tupi, ocupa uma posição de sujeito religioso, o que determina os sentidos das palavras selecionadas e definidas, bem como o direcionamento geral dessa prática, que foi voltada, sobretudo, para a catequese dos índios. Assim, os lexicógrafos dessa Época incluíam em seus dicionários palavras religiosas que sequer existiam na língua indígena, como “pecado”, “Deus” e outras, e atribuíam sentidos religiosos aos fatos e palavras descritos (NUNES, 2010, p. 7).

Pensando nisso, considero importante para a sequência deste raciocínio, apresentar o conceito de gramatização trazido por Auroux (2009), que consiste no processo pelo qual se descreve e se instrumentaliza a língua a partir de dois instrumentos tecnológicos: gramática e dicionário, produzindo um saber metalinguístico. Ainda segundo o autor, a gramática não consiste em ser apenas um registro da língua em um material físico, a principal característica que a faz ser além de uma mera descrição é seu caráter didático, ou seja, não basta descrever; tal descrição é/foi realizada com o propósito de disponibilizar caminhos para que os sujeitos consigam aprender/aprimorar seus conhecimentos linguísticos que não poderia ser realizado a partir do próprio sujeito.

Os instrumentos linguísticos, como a gramática e dicionário interferem no curso da língua ao longo da história, uma vez que apresentam direcionamentos para a aprendizagem de determinada língua. Esses instrumentos delineiam as práticas linguísticas conforme um padrão definido. Diante disso, a função que o dicionário exerce, está direcionada para a prática de aprendizagem de uma língua, pois, se assim não o fosse, tais registros seriam nada mais que uma documentação histórica. Nesse sentido, na ausência de suas interferências, por exemplo, as variedades linguísticas seriam ainda mais recorrentes (AUROUX, 2009).

Pensar a língua a partir de um instrumento específico cujo papel é, sobretudo, contribuir na aprendizagem ou aprimoramento dos níveis de conhecimento linguístico, pode facilitar a compreensão do que seria concretamente a gramatização. Todavia, deve-se ter cuidado com tal consideração, uma vez que a língua não se restringe ao que se encontra nessas tecnologias. Os instrumentos linguísticos funcionam como uma norma, um recorte (dentre outros), ou seja, a língua vai muito além do que se encontra em gramáticas e dicionários. Em pensamento semelhante, Pfeiffer (ano) diz o seguinte:

A questão da *norma* nos coloca diante da reflexão do modo de funcionamento da língua, instrumentalizada, domesticada, administrada pela sua gramatização. A língua normatizada não é da ordem do “ser”, mas do “deve ser” (PFEIFFER, 2002, p. 14).

O controle sobre a língua é parcial, haja vista que em diversas situações somos surpreendidos por episódios ambíguos, pelos equívocos e mal-entendidos próprios da língua. Dito de outro modo, a língua demonstra um caráter de incompletude, o qual permite ser passível de ocorrências equívocas, as quais estão a ser suprimidas nos instrumentos linguísticos tradicionais.

Por longos anos, o saber metalinguístico que tínhamos aqui no Brasil não foi resultado de uma produção autônoma, tendo em vista que se importava esses conhecimentos de Portugal. Só a partir da segunda metade do século XIX que são desenvolvidos estudos sobre a língua no território brasileiro. A produção de saberes linguísticos/metalinguísticos no Brasil tem uma relação direta com a desvinculação de sua antiga colônia Portugal (GUIMARÃES, 1994). Isto fortaleceu a imagem de um português diferente do que é falado na Europa, desenvolvendo uma autonomia em relação aos estudos linguísticos sobre uma língua particular e a construção identitária dos sujeitos brasileiros.

Nesse processo, surge a vertente brasileira da História das Ideias Linguísticas (doravante HIL). Conforme a HIL brasileira, considera-se como instrumento linguístico todo material que, de algum modo, descreve e instrumentaliza a língua a fim de documentá-la para diversos usos, ampliando a especificação abordada por Auroux (2009). Nesse sentido, a língua portuguesa brasileira é constituída por um valor simbólico validado pelas instituições que impulsionam e afirmam seu caráter singular. Em Zoppi-Fontana (2009), lemos o seguinte:

[...] um processo de gramatização deve ser compreendido como um processo de instrumentação da língua. Assim, o domínio dos fenômenos da linguagem é explorado como espaço de produção de tecnologias que mudam radicalmente a relação do homem com suas condições materiais de existência, o que leva a descrever a invenção da escrita e o surgimento das primeiras gramáticas e vocabulários como verdadeiras revoluções tecnológicas (Auroux, 1992) que decidiram o destino do homem na sua relação com os objetos simbólicos e com as formas de organização social. É preciso, portanto, conceber as gramáticas, dicionários, **e outras formas materiais de objetificação da língua como instrumentos linguísticos** (ZOPPI-FONTANA, 2009, p. 24, grifo nosso).

A gramática e o dicionário são instrumentos significativos também para o ensino e aprendizagem da língua e, talvez, sejam as principais ferramentas nesse processo. No

entanto, a relação dos sujeitos com a língua está em constante transformação, e por esse motivo, surgem novas tecnologias que assumem papel similar aos primeiros instrumentos. Dessa maneira, é possível estender tal denominação a outras tecnologias, uma vez que muitas outras surgiram a partir dos princípios das primeiras.

Para tanto, instrumentos linguísticos como manuais didáticos, e exames nacionais, por exemplo, têm em sua composição elementos léxico-gramaticais, organizados conforme a configuração do próprio material. Declaro que no *Instagram*, por sua vez, está presente o que Adorno (2018), chama de ferramentas *lexicográficas digitais*, que consistem em mecanismos que não existiam em dicionários impressos, mas que surgiram com a circulação digital, como é o caso das *hashtags*, recurso que possibilita a busca de temas, questões, matérias a partir de palavra-chave.

A rede social em si, não propõe orientações acerca dos usos lexicais, mas é um terreno propício a modificações, adaptações e inovações na forma como os sujeitos se relacionam no interior desta tecnologia. Entendo esta situação como um aspecto desenvolvido conforme a mudança nas formas de utilização dessa rede social, como ferramenta profícua para modos diversos de exploração, inclusive em perfis com uma abordagem antirracista na discursividade da língua.

2. Racialização do discurso sobre a língua

Diante das condições de produção colonial e escravocrata como alicerce no desenvolvimento da sociedade brasileira (ALMEIDA, 2019), é legítimo pensar no direcionamento hegemônico dos discursos produzidos aqui e suas implicações na estrutura social do Brasil. Na narrativa dominante, a problemática racial parece não ser um problema a resolver. Amplamente se veicula que as tensões raciais são inexistentes. Ou seja, *não há racismo no Brasil*. Entretanto, afirmações desse tipo dissimulam a realidade de sujeitos negros, passando uma falsa sensação de que realmente as tensões raciais não passam de falácias, tendo em vista o estado de naturalidade das coisas acerca dessa questão, como Gonzalez (1984) aponta como *mito da democracia racial*.

No campo discursivo Modesto (2021) mostra como a discussão racial atravessa outros discursos, os quais passam pelo processo de racialização, ou seja, que constituem os discursos racializados. Ele declara que a formação social brasileira possibilita considerar que todo discurso é um potencial discurso racializado, tendo em vista as

especificidades conjunturais (MODESTO, 2021, p. 15) que constituíram a formação social brasileira. Sobre os discursos racializados o autor pontua que:

Não é uma tipologia *a priori*, nem um tema. Pelo contrário, diz respeito a um funcionamento discursivo que pode ser constituído em diferentes processos de identificação e posições sujeito. Nesse sentido, uma série de discursividades podem aparecer engendradas ou agenciadas por tensões raciais, o que nos permite falar em discursos racializados “de” e discursos racializados “sobre” (MODESTO, 2021, p. 9).

Desse modo, determinados discursos funcionam a partir de atravessamentos raciais devido às condições histórico-materiais, ao longo da história, que permitiram sua produção e sua circulação entre os sujeitos. Dessa forma, o funcionamento desses discursos ocorre no atravessamento com outras discursividades. É o que ocorre quando o discurso sobre a língua é interseccionado pelo componente racial, quando chegamos no discurso racializado sobre a língua. Esse é o caso, ao meu ver dos perfis do *Instagram*, que mobilizam um discurso sobre a língua (o que pode ou não ser dito), na relação com a racialidade. Efetivamente, é por causa de seu processo de racialização, atravessando outras situações discursivas que permite ao analista sustentar esse caráter racializado.

Ainda no que diz respeito à relação entre racialidade e língua, Nascimento (2021) chama atenção para o fato de que é preciso distinguir as dinâmicas do racismo linguístico das dinâmicas daquilo que se poderia falar em termos de “politicamente correto”. Se o politicamente correto circunscreve relações ingênuas dadas na superfície linguística, o racismo linguístico, ao contrário, é algo profundo e tem a ver com as bases da nossa formação histórica.

Sendo assim, com este aporte teórico, busco investigar o funcionamento de perfis da rede social *Instagram* que assumem o ofício de alguns instrumentos linguísticos e, como resultado, surge também um caráter didático que se assemelha às cartilhas, dicionários e glossários. Além disso, interessa-me também os efeitos de sentidos possíveis em relação à tentativa de combate a expressões compreendidas como racistas que, amplamente, circulam na sociedade e na rede social *Instagram*.

3. Um instrumento linguístico eventual

Baseado na construção do dispositivo teórico-analítico, o trabalho tem como objeto de análise, publicações de perfis da rede social *Instagram* que apontam para os usos de léxicos, frases e termos que são vistos como racistas com uma circulação, de

modo frequente na sociedade. A seleção dos materiais foi realizada através de consultas a perfis que fizeram/fazem postagens, as quais se enquadram ao nosso interesse de investigação, ou seja, que divulgam palavras, frases, expressões com raízes ditas racistas e tensionam sua utilização.

Nessa perspectiva, a seleção desses perfis não aconteceu de maneira aleatória, minha estratégia de localização de publicações que apresentam essas características se estabelece através de buscas por *hashtags* (que seriam equivalentes às palavras-chaves das redes sociais, isto é, direcionam as pesquisas a determinadas discussões e assuntos). Desse modo, para fim de localização, utilizei as seguintes *hashtags*: *palavras racistas*, *expressões racistas*, *negro*, *racismo*.

A similaridade com o dicionário se mostra presente nesta *ferramenta lexicográfica digital* (ADORNO, 2018), através da busca pela palavra, como acontece em dicionários eletrônicos e digitais. É um mecanismo de consultas próprio ao digital, apesar de ser diferente do modo tradicional, uma vez que no dicionário físico, essa busca ocorre por ordem alfabética e quem consulta precisa percorrer as folhas até a palavra desejada. Na sequência, serão apresentados, por meio de descrições, três perfis selecionados para este estudo.

Perfil da Defensoria Pública da Bahia - Figura 1

defensoriabahia

Seguir Enviar mensagem

3631 publicações 66,5 mil seguidores A seguir 235

Defensoria Pública da Bahia
Organização sem fins lucrativos
Orientação jurídica e defesa judicial e extrajudicial, integral e gratuita, dos direitos individuais e coletivos.
linktr.ee/defensoriabahia

PUBLICAÇÕES REELS IDENTIFICAÇÕES

Casos de tortura no sistema prisional brasileiro aumentaram 37,6%*

São João

Plantão final de semana e feriados
Das 8h às 18h
AVENIDA CAIO DE BRITTO

Capital
(71) 99913-9108 ou
plantaop@defensoria.ba.def.br

Interior
(71) 98454-9424 ou
plantaop.regional@defensoria.ba.def.br

INFANCIA SEM VIOLENCIA
RECONSTRUA O PRESENTE E CONSTRUA UM FUTURO SEM VIOLENCIA

Sabia que o pão, o vinho, a tapaloca, a escrita...

A HISTÓRIA NÃO CONTADA

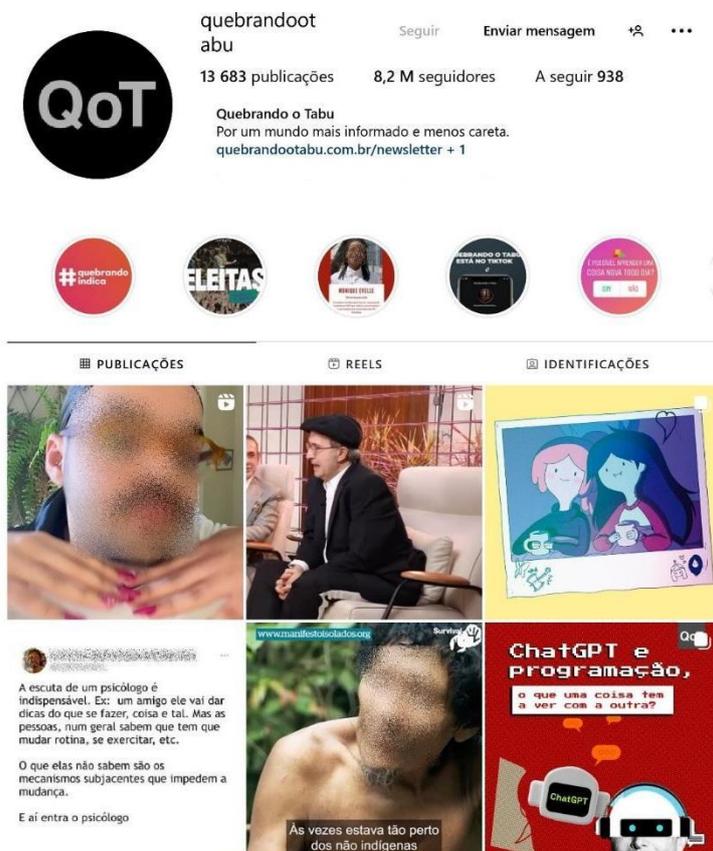
UNIDADE SOCIAL DE ATENDIMENTO

COMUNIDADE PENAL DE SALGADO

Fonte: <https://www.instagram.com/defensoriabahia/>

O perfil oficial da Defensoria Pública da Bahia, caracteriza esse órgão como uma organização sem fins lucrativos, a qual fornece orientações jurídicas e proporciona a defesa judicial e extraconjugual, integral e gratuita dos direitos individuais e coletivos. A página serve de porta-voz entre a própria defensoria e a população baiana, viabilizando contato, informações, modo de atuação etc. Ao longo do *feed*, encontra-se publicações que demonstram, por meio de vídeos e fotos, o engajamento da defensoria na busca de promover justiça social para diversos grupos sociais: indígenas, crianças, negros, comunidades carentes e mulheres. Ou seja, o perfil não se compromete exclusivamente com uma única questão social, mas com diversas, dado o seu caráter jurídico de intervenção.

Perfil Quebrando o Tabu - Figura 2



Fonte: <https://www.instagram.com/quebrandootabu/>

A página do *Quebrando o Tabu* não tem uma área de exploração específica, o perfil busca se desvincular de práticas que se materializam por um viés hegemônico. É possível constatar tal posicionamento por meio de publicações em favor de movimentos sociais minoritários como: movimentos étnico-raciais, discussões sobre gêneros, pautas feministas entre outras. Entretanto, não se compromete com uma única área do saber. Em determinados momentos, a página assume uma roupagem jornalística, compartilhando informações com seu público por intermédio de matérias acerca de acontecimentos não só nacionais, como notícias de assuntos internacionais.

Perfil Ubuntu Consultoria – Figura 3



Fonte: <https://www.instagram.com/ubuntuconsultoria/>

O perfil *Ubuntu Consultoria* é voltado para a criação de conteúdo digital que envolve cursos, palestras, treinamentos, consultorias e mentorias no que diz respeito à diversidade e à liderança inclusiva, conforme consta na biografia o registro acima. Além disso, assim como encontra-se no perfil *Quebrando o Tabu*, o caráter jornalístico se faz presente nessa página.

A partir das descrições dos perfis, avalio que as contas, as quais publicam *posts*, não se enquadram ou se definem como um sujeito-especialista, uma vez que as páginas aqui descritas exploram questões diversas, e se preocupam com outras demandas específicas da sociedade: no âmbito educacional, jurídico e jornalístico, por exemplo. A língua não é explorada como a questão central nos perfis, mas como um saber que pode ser abordado em momentos eventuais/pontuais. Ou seja, os saberes sobre a língua ali

postos em circulação se enquadram na discussão acerca de *saberes linguísticos do cotidiano* proposta por Ferreira (2020):

Os saberes linguísticos [...] são perpassados por discursividades construídas pelas relações de contato/confronto linguístico em diferentes conjunturas e espaços, que vão articulando sentidos e relações afetivas. No Brasil, os saberes linguísticos cotidianos funcionam nessas conjunturas, em constante tensão com saberes de especialistas (gramáticos, linguistas, literatos etc.) produzidos em espaços legitimados e autorizados (universidades, faculdades, academias, associações científicas, imprensa, no espaço das leis etc.) (FERREIRA, 2020, p. 329).

Diante disso, nas páginas mapeadas, o saber sobre a língua é apenas mais um dentre outros, os quais fazem parte do cotidiano dos sujeitos de maneira espontânea/orgânica, sem a necessidade de se desenvolverem como um conhecimento especializado em um espaço legitimado. São saberes que na maioria das vezes estão distantes do conhecimento técnico, mas que apesar disso, circulam e produzem/reproduzem sentidos legitimados e não legitimados (pelas instituições oficiais). Nessa direção, compreendo que os *saberes linguísticos cotidianos* podem ser produzidos em qualquer lugar, inclusive no *Instagram*.

Parece-me que se trata de um fazer próprio das mídias digitais, onde o que prevalece é o processo de retroalimentação do sujeito-seguidor, afetada pela política de algoritmo, em que a constância na interação com os seguidores impacta no alcance dos conteúdos ali colocados. Ou seja, quanto menos você interage com seus seguidores, menor será o alcance que suas publicações poderão chegar ao seu público através de *posts* futuros.

Entendo que tal fato influencie na ausência do saber de um especialista, uma vez que a elaboração de um saber especializado pode demandar muito tempo, porém de acordo com o serviço do algoritmo, quanto mais tempo sem publicar, maior será o prejuízo para o perfil. Sendo assim, a saída para ocasiões desse tipo seria publicar sem respaldo técnico. Nesses termos, o saber especializado, sobretudo o linguístico fica em segundo plano para legitimar o conhecimento ali compartilhado. Isto é, “no espaço digital, parece haver outro modo de legitimidade” (PETRI; GUASSO, 2020, p. 281). O funcionamento dos perfis, desse modo, é marcado pela falta de uma periodicidade regular, no que concerne aos saberes linguísticos, sendo capaz de colocar a língua em evidência de determinada questão uma única vez e não mais fazer da língua objeto de discussão, a partir de então

Este estudo, dessa forma, não está comprometido em *revelar a verdade* ou até mesmo empregar juízo de valor (certo ou errado; verdadeiro ou falso), porém busco: tensionar a regularidade do material de análise e os sentidos mobilizados; entender a reprodução do efeito normativo dos dicionários; bem como, refletir, criticamente, sobre como a ideologia se materializa nos discursos e como lidamos com isso na esfera linguística.

No que concerne à montagem do arquivo, deparo-me com uma regularidade, a qual diz respeito ao modo de organização das publicações. As páginas seguem um padrão de publicações, que consistem em denúncia e sugestão. Isto é, os *posts operam* a partir da seguinte estrutura: pare de usar X, em vez disso, fale Y. Ou seja, neste contexto, há uma relação estreita entre a denúncia (de uma palavra ou expressão compreendida como racista) e a sugestão (de uma palavra ou expressão compreendida como não racista). Partindo deste ponto, declaro que a regularidade presente na estrutura de formulação das sequências discursivas (não fale X e use Y), direciona a uma consciência linguística, a qual faz com que os sujeitos optem em escolher, conscientemente, quais expressões irão utilizar. Essa fórmula constitui, portanto, um discurso metalinguístico, ou melhor, um *discurso sobre a palavra* (NUNES, 2010).

Entendendo que, a fim de combater o racismo nos limites da língua, as páginas investigadas determinam um recorte aceitável da língua e o colocam como único possível. Na tentativa de conter possíveis sentidos racistas, os movimentos sociais buscam colocar em desuso termos que ofereceriam algum prejuízo à comunidade negra. Nesse aspecto, as páginas do *Instagram* reproduzem o funcionamento de outros instrumentos linguísticos, uma vez que prescreve como dicionários, gramáticas e cartilhas, com propósito de estabilizar os sentidos, conjugada com uma proposta pedagógica e assumem uma posição normativa, a qual direciona a maneira que os sujeitos vão se relacionar com o mundo pelo simbólico, sendo o lugar da “completude dos sentidos, da certeza, da exaustividade, do dizível” (SILVA, 1996, p. 203).

Desse modo, o material de análise tenta constituir seus sentidos univocamente, tendo em vista a repercussão desse instrumento linguístico como um discurso de verdade. Isto é, “um discurso que se estabelece ilusoriamente como um lugar de completude dos sentidos” (GRIGOLETTO, 2010, p. 67), a ponto de ser considerada referência para o estabelecimento de um dizer compreendido como antirracista. O *Instagram* criou um ambiente virtual, a partir do qual o saber pode ser dito e construído por qualquer sujeito

que se proponha a divulgar determinado assunto, em áreas diversas. Vejo tal ocorrência, por exemplo, em perfis que trabalham com biologia, em que biólogos comentam acerca de dadas espécies de seres vivos e seus respectivos comportamentos na natureza.

Nesse sentido, um profissional coloca em circulação um conhecimento técnico, que não é de domínio da maioria das pessoas, devido a sua especificidade. Dessa maneira, determinados sujeitos, se diferenciam através do entendimento de determinada área, mas também no âmbito linguístico, pois as formulações ocorrem a partir de *uma língua* do domínio científico específico (GUIMARÃES, 2009). Isto é, há uma linguagem técnica, a qual se diferencia da linguagem comum.

Na esfera linguística, é possível encontrar também, perfis que se dedicam a promover assuntos nos quais a língua é tematizada, tanto por aqueles que assumem a roupagem de compartilhar somente conteúdos linguísticos, quanto por aqueles que, pontualmente, tecem opiniões de acordo com a relevância do assunto em determinado momento da história. É nesta última categoria, que caracterizamos os perfis aqui estudados, uma vez que, em geral, as páginas que denunciam e sugerem (como apontamos anteriormente), colocam como centro de suas discussões outras pautas, as quais podem ou não ter a língua no núcleo do debate: racialidade, gênero, saúde etc.

À vista disso, julgo que em perfis do *Instagram* pode-se identificar um deslocamento de funcionamento, semelhante ao que Ferreira (2012) explora em seu trabalho acerca de enciclopédias virtuais (*Wikipédia e na Desciclopédia*). Embora as publicações dos perfis no *Instagram* não tragam as mesmas demarcações (*especialista, todos e qualquer um*), entendo que, na prática, o saber sobre a língua/palavra parece ter passado por um processo de amplificação de sujeitos lexicográficos. Nesse aspecto, o especialista não será o único a elaborar saberes metalinguísticos.

Em algum momento da história, os lexicógrafos ou gramáticos puderam ser as únicas figuras que tivessem a *responsabilidade* de produzir um saber metalinguístico sobre palavras por meio de gramáticos, dicionários e vocabulários, por exemplo. No entanto, em conformidade com as ferramentas tecnológicas disponíveis hoje, posso dizer que *todos e/ou qualquer um* podem exercer tal função. Ou seja, não existem mecanismos censores que impeçam *todos e qualquer um* de produzirem/reproduzirem também um saber linguístico, de maneira semelhante ao *especialista*, principalmente por perfis do *Instagram*, os quais operam com ampla autonomia.

Ao passo que perfis semelhantes aos apresentados anteriormente se propõem a agir, de maneira eventual, como um saber metalinguístico, pensei em mobilizar uma outra classificação para os dispositivos tecnológicos que, em certa medida, se enquadram no que Auroux (2009) e Zoppi-Fontana (2009) exploram, mas que assumem, apenas momentaneamente, o funcionamento de instrumentos linguísticos. Proponho, portanto, a noção de *instrumentos linguísticos eventuais*, que descrevem e instrumentalizam a língua, de maneira ocasional, que em algum momento (não sempre), assumem o ofício de um instrumento linguístico tradicional (dicionário, gramática, manuais didáticos).

Nessa direção, um *saber linguístico cotidiano* é determinante para que venhamos mobilizar a noção de *instrumentos linguístico eventuais*, tendo em vista o caráter relativamente descomprometido com o conhecimento, unicamente, linguístico. Isto é, o *saber linguístico cotidiano*, possivelmente, será posto em circulação em algum momento, mas sem a responsabilidade de ser como o dicionário, a gramática, o livro didático (de línguas), por exemplo, os quais posicionam a língua como ponto central do conhecimento produzido e que estão a serviço das normatizações institucionais. Os saberes linguísticos que estão presentes nesses dispositivos tecnológicos tradicionais, se desmembraram em diversas searas tendo como coluna dorsal o saber sobre a língua, ao contrário do que se encontra nos perfis de *Instagram* aqui estudados.

Apesar do saber linguístico se encontrar sob o domínio dos sujeitos e inscritos no cotidiano deles, esse saber nem sempre será posto em circulação de maneira definitiva e/ou regular. Acontece que quando este saber é concretizado materialmente, por meio de um dispositivo tecnológico, chegamos em um estágio de realização do que estava apenas na esfera da possibilidade, da latência, da idealização, ou seja, se refere a um saber sobre a língua não manifestado em dispositivos tecnológicos. Desse modo, imagino que seja possível também que outras ferramentas tecnológicas possam funcionar como um instrumento linguístico eventual, dada suas operações particulares e que talvez fossem suficientes para serem classificados como tal. Falo, nesse sentido, de Jornais impressos, *Blogs* e algumas redes sociais como o *Twitter*.

Nessa perspectiva, as páginas do *Instagram* produzem um discurso sobre a língua que se materializa a partir do âmbito lexical, por meio de explicações de ideias sobre o conteúdo que seriam depositados nas palavras. Embora os perfis funcionem dessa maneira, a palavra por si só não carrega um sentido imanente, ela só passa a ter valor

significativo (SAUSSURE, 2008) a partir da relação diferencial com outros termos da língua (PÊCHEUX, 1990) na história.

Em um pensamento consonante, no que diz respeito à inscrição da discussão racial no nível linguístico-lexical, Nascimento (2019) põe em questão esse exercício de depositar na palavra a responsabilidade de representar o racismo no real das relações humanas. Para o autor, é preciso que o foco desse debate esteja nas formações históricas, uma vez que são as condições de produção que possibilitam/possibilitaram que o racismo se estabelecesse como base do mundo moderno. “Não basta, portanto, trocar apenas palavras como unidades da superfície da língua” (NASCIMENTO, 2021, p. 3).

Propor uma mudança na superfície da língua isoladamente, desconexa da história, ignora e descarta os meios pelos quais levaram a sociedade contemporânea ser o que é hoje, convertendo em práticas materiais a hegemonia do discurso dominante. De um ponto de vista discursivo, a língua depende de uma determinação histórica para que os sentidos possam ser produzidos. Do contrário, “se se tira a história, a palavra vira imagem pura” (ORLANDI, 2007, p. 32). Em outros termos, a tensão racial na/pela língua, portanto, só poderá ter impactos significativos, quando o que estiver em jogo for a relação constitutiva entre língua e história.

4. *Denegrir* na disputa de sentidos

Conforme a montagem e organização do nosso arquivo, decidimos analisar os *posts* que envolvem a palavra *denegrir*, a qual representa um recorte do nosso *corpus*, uma vez que não pretendemos esgotar o nosso material de análise. Pretendo entender o que está sendo dito e a maneira que os sentidos estão sendo postos em circulação a partir dessas publicações.

A análise discursiva será feita por meio de dois processos de dessintagmatização: a linguística e a discursiva. Por intermédio da dessintagmatização linguística trabalharemos com paráfrases, em busca de explicitar vínculos entre o dito e o não-dito, pontuando, no nível do formulável, as relações de intertextualidade, enunciação, entre outras.

Já a dessintagmatização discursiva, por sua vez, terá como finalidade chegar às formações discursivas e à base ideológica que atravessam os discursos em análise, como orienta Lagazzi (1988). Desse modo, a análise iniciará a partir da dessintagmatização linguística e na sequência será contemplada pela dessintagmatização discursiva.

Para tanto, selecionei sequências discursivas (SD) que envolvem a palavra *denegrir*, tendo em vista a recorrente presença desse termo entre as páginas apresentadas, principalmente no que se refere ao racismo nas fronteiras da língua. Além disso, a composição morfológica da palavra evoca uma memória discursiva que pode ser/é relacionada diretamente a sujeitos negros. À vista disso, as SDs trazem uma questão muito particular, a qual se estabelece a partir do *ser negro* e *do tornar negro*. A seguir apresentamos as sequências discursivas (SD) a serem analisadas. Vejamos os *posts* mapeados:

Sequência discursiva 1



Expressões racistas do cotidiano

Denegrir
Possui na raiz o significado de "tornar negro". Utilizado como sinônimo de difamar ou caluniar, reforça, mais um vez, o ser negro como negativo, ofensivo.

Alternativa
Difamar/caluniar

Defensoria Pública BAHIA

defensoriabahia 🇧🇷 Dá pra entender por que não é legal repetir essa expressão por aí, não é? Ser negro não é uma coisa negativa! Compartilhe e conte a seus amigos também!

Compartilhe com os amigos para que também se liguem!

#Racismo #expressõesracistas
#vidasnegrasimportam #blacklivesmatter
#DefensoriaBahia #pracegover

Editada · 142 sem

SETEMBRO 28, 2020

e outras pessoas

SD 1, retirada da rede social *Instagram*, do perfil da Defensoria Pública da Bahia (@defensoriabahia).

Sequência discursiva 2



Denegrir

A palavra significa "tornar negro". Remete a ideia que tudo que é negro é negativo, é ruim.

SINÔNIMOS/ALTERNATIVAS:
Difamar, Caluniar.

quebrandootabu 🇧🇷 • Seguir

quebrandootabu 🇧🇷 Muitas palavras e expressões da nossa língua tem uma origem preconceituosa e quando as usamos acabamos reproduzindo o racismo, mesmo que não seja nossa intenção.

Passa pro lado pra descobrir alguns desses termos e alternativas pra substitui-los no dia a dia!

Via @danilinho e @levikaiquef

Editada · 160 sem

e outras pessoas

SD 2, retirada da rede social *Instagram*, do perfil Quebrando o Tabu (@quebrandootabu).

Na atual conjuntura histórica, a significação de uma palavra, sob uma ótica formalista, depende da validação e/ou das definições apresentadas pelos dicionários. Entretanto, as entradas propostas nesse instrumento linguístico, não esgotam os sentidos, embora entendamos que o dicionário tenta produzir esse efeito. Souza (2022) demonstra em seu estudo sobre o verbete *crioulo*, que havia uma oposição nos sentidos, a qual era marcada pela dissonância de definições, de acordo com a época de produção daqueles dicionários. Em determinado material, se referia ao *negro que morava na casa do seu senhor*, porém, a mesma palavra foi também definida como *pessoa branca que vive na América*. Nesse aspecto, *o político* (ORLANDI, 2007), isto é, a divisão dos sentidos, está presente até mesmo em dispositivos tecnológicos normativos, independentemente, de qualquer interpretação, seja ela de militância negra ou não.

A partir do recorte da SD 1, vemos que a publicação integra uma sessão, a qual está intitulada como *expressões racistas do cotidiano*, isto é, trata-se de uma manifestação que se autodeclara como antirracista. A composição do *post* se divide em duas partes: *Expressão racista*, que aponta qual é a expressão/palavra de cunho discriminatório; e *Alternativa*, que oferece outras opções com sentidos equivalentes (sinônimos). A informação acerca do termo *denegrir* é apresentada por meio de descrições semânticas, estabelecendo fronteiras de sentidos dessa palavra. A publicação traz o significado, a maneira como a expressão é utilizada e os supostos efeitos materiais provocados ao enunciá-la. Vejamos: “Possui na raiz do significado ‘tornar negro’”, “Utilizado como sinônimo de difamar ou caluniar, reforça, mais uma vez, o ser negro como negativo, ofensivo”. Nessa direção, existem duas orações que fazem parte da descrição.

Na primeira oração, o significado da palavra é fixado como *tornar negro*, algo que se fosse apresentado de maneira isolada, teríamos dificuldade para saber o contexto de significação de seu teor semântico, porém, de saída, o termo já está envolvido em um contexto de imputação, tendo em vista o título do *post* (seguindo o modo de leitura da sociedade ocidental, da esquerda para a direita, de cima para baixo) *Expressões racistas do cotidiano*. Ou seja, o título, como a primeira informação, direciona a leitura do sujeito-usuário da rede social, empregando juízo de valor. Temos na sequência, a maneira de uso da palavra, que consiste em algo negativo relacionado à honra de determinada pessoa. Em sua afirmação, *tornar/ser negro* é visto como ofensivo.

No caso da SD 2, a imagem do *post* não traz, explicitamente, a imputação no corpo da imagem, o termo é elencado com o significado e as outras possibilidades de palavras. O significado de *denegrir* é apresentado como *tornar negro*, remetendo a ideia de um sentido negativo e ruim a tudo que é relacionado ao significante *negro*. Em seguida, podemos ver a presença de outras opções a serem utilizadas como sinônimos: *difamar e caluniar*.

Com o que aparenta ser um complemento, a legenda predica a palavra como de uma origem preconceituosa e, portanto, ao ser usada, o sujeito estará reproduzindo o racismo, mesmo sem a intenção de ser. Além disso, a página mobiliza o conceito de origem. Nesse sentido, imaginamos que se refira a determinação do sentido através da construção etimológica da palavra, porém não nos é apresentada a origem da palavra. Com isso, é possível concluir que a origem já é dada como evidente (negativa), assim, a única maneira de fugir da prática racista seria evitar a utilização do léxico denunciado.

Diante disso, em todos os casos a regularidade do arquivo, no que se refere à denúncia e sugestão (não diga X, fale Y), se confirma. Ao mesmo tempo, nenhuma das páginas traz um saber linguístico especializado como sustentação desse saber sobre a língua. Embora as sequências discursivas até aqui tenham reproduzido o modo de um discurso sobre a língua, tal qual faz o dicionário (postulando determinado verbete, definindo seu sentido/origem) e em alguns momentos, complementado como uma cartilha (por meio de alternativas, didaticamente), não ocorre o mesmo na publicação a seguir:

Sequência discursiva 3



SD 3, retirada da rede social *Instagram*, do perfil Ubuntu Consultoria (@ubuntuconsultoria).

O *post*, o qual proporcionou o recorte da SD 3 tem uma característica de apresentação diferente do que vimos até então, se difere de um dicionário, enquanto estrutura. A composição da publicação é marcada por frases em quadros, onde cada um interdita uma possibilidade de expressão com potencial racista. A interdição ocorre quando o perfil faz uma substituição de palavras, em que modificam a superfície das frases.

Nesse aspecto, o *post* se difere dos outros, porque apesar de ser uma discussão sobre a língua/palavra e o elemento racial, não há uma justificativa que comunique os motivos para desconsiderar a possibilidade de uso daquelas expressões. Diante dessa perspectiva, posso dizer que ocorre um movimento arbitrário, o qual inviabiliza a opção de escolha de uma alternativa, bem como também é negada a elucidação que suscita a interdição. Por outro lado, se assemelha, como tenho dito nas SDs anteriores, pela ausência de um saber linguístico-etimológico-histórico especializado.

O foco da publicação é produzir um saber sobre as palavras, assim como faz o dicionário. No entanto, ocorre de maneira diferente, uma vez que é uma materialidade a qual menos se assemelha com a maneira com a qual o dicionário se organiza. Ou seja, surgem *instrumentos linguísticos (eventuais)* que reproduzem mais fielmente o funcionamento do dicionário do que outros, desde o modo de organização do verbete à tecnologia pela qual a reprodução do funcionamento é operada. Nesse aspecto, o recorte da SD 3 funciona a partir dos não-ditos, significando através de um simbólico imagético, em que a própria publicação faz substituições, tentando excluir a possibilidade do sujeito leitor/seguidor examinar se as substituições devem ser postas em prática, concretizando a instabilidade das relações semânticas, “a partir das quais instala-se um sentido, apagando outros possíveis/dizíveis” (ZOPPI-FONTANA, 1999, p. 203).

Diante do que foi discutido, entendendo que o sentido sempre pode ser outro, mas não qualquer um (ORLANDI, 2007), farei uma sequência parafrástica (P), a fim de compreender a formação discursiva das SDs analisadas e encontrar possibilidades no nível do formulável em torno de *denegrir*: Vejamos:

Situação hipotética 1: A chamou B de **negro**.

Situação hipotética 2: B não gostou de ser chamado de **negro**.

P1. A **denegriu** B.

- P2. B se sentiu ofendido.
 P3. B foi difamado por A.
 P4. B foi rebaixado à condição de **negro** por A.
 P5. B não gostou de ser humilhado.
 P6. B não gostou de ser tratado como **negro**.

Por meio do olhar de um hipotético de uma terceira pessoa, farei aqui algumas reflexões acerca das situações envolvendo A e B. Na tentativa de se deparar com deslocamentos de sentidos, irei produzir uma linha de raciocínio supositório. Tendo como ponto de partida a compreensão do que seria *denegrir*, a partir de uma relação sinonímica, considero substituir em algum momento este significante por *difamar* a fim de saber até onde as paráfrases podem nos levar no limite do intradiscursos.

Pensemos que em dada situação um sujeito (A) tenha proferido falas que viessem a ofender a reputação de alguém (B). O sentimento do sujeito ofendido é de ser visto como inferior. O sujeito C (terceira pessoa), que está fora da situação, pode seguir ao menos dois caminhos, vejamos: primeiro, pode-se concluir que A foi racista, porque B se ofendeu ao ser chamado de *negro*; outra abordagem possível seria a de que ao ser interpelado como *negro*, B rejeitou a atribuição, pois conforme seus processos de identificação, não se reconhece como tal e, portanto, julga não merecer ser tratado dessa forma.

Chamo a atenção, dessa maneira, para o radical *negr*, visto em *negro* e *denegrir*. Não é do meu interesse aqui, apontar a origem dos termos ou discuti-las, mas pretendo compreender o que pode ter levado ao surgimento de sentidos postos em circulação que relacionam a palavra *denegrir* a práticas racistas. Considero que por um efeito de memória, o qual orbita a cadeia de sentidos do radical *negr*, em que o negro em diversos casos é relacionado a algo maléfico, faz com que haja um esvaziamento do saber técnico-linguístico-etimológico, ocasionando em uma construção de sentidos por associações de palavras com o radical comum. Ou seja, a direção do dizer depende do interdiscursos que determina o lugar do sujeito negro como sinônimo de desqualificação.

Essa ideia é ratificada na SD 3, na qual podemos ver uma articulação que traceja o radical *negr* em outras construções sintáticas, em virtude de eliminar arbitrariamente a possibilidade de sentidos pejorativos em formulações semelhantes. Nessa perspectiva, o

sujeito negro é constantemente interpelado em sujeito inferior e/ou desumano pelo próprio significante que lhe foi atribuído, como declara Modesto (2018):

Na evidência que interpelação ideológica busca produzir, sentidos em disputa marcam a questão que atravessa as tensões raciais e o modo como o sujeito-negro se elabora como negro. Se um grito é lançado para dar a ver que o negro é *negro* [negativamente], a apropriação desse grito, por esse que sofre com tal estímulo em terceira pessoa, é também uma desapropriação dos sentidos primeiros que dão lugar a sentidos alhures. Uma desapropriação nada fácil de se produzir, vale pontuar, porque a reelaboração do corpo negro que permite a desestabilização das sinonímias racistas que se impregnam ao significante negro vem, em geral, a partir de um processo de lutar, de dor, de resistência, de sangue (MODESTO, 2018, p. 143).

A disputa de sentidos, por sua vez, coloca em jogo os processos de identificação do sujeito negro, principalmente, pela/na língua afetando a maneira de aceitar a interpelação de sujeitos outros, por significantes, usualmente, prejudiciais ao reconhecimento de si. É compreensível se deparar com a afirmação que denuncia e interdita a palavra *denegrir* como racista, aliada à uma proposta de sua substituição por outras palavras que teriam outros sentidos. Dadas as condições de produção estabelecidas hoje no Brasil, constituídas e marcadas em nosso processo histórico, pela colonização e escravização no país, vejo uma interdição concernente à ressignificação dos sentidos que orbitam a palavra, por meio de um sentido positivo ou não. Isso, contudo, já foi feito com outros termos.

Em 2022, no lançamento da chapa do atual presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, uma apresentadora deste evento utilizou o termo *escurecimento* para se referir a uma elucidação/esclarecimento⁴. Em vez de apontar na mesma direção que *denegrir*, como um sentido negativo de tornar algo escuro e/ou negro, a apresentadora faz um movimento contrário, que nos leva entender que o negro tem algo positivo para compartilhar.

Dessa maneira, há um estranhamento (ERNST-PEREIRA, 2009), uma mudança inesperada do sentido, ou seja, ocorre um acontecimento discursivo, uma atualização de sentido na história (PÊCHEUX, 2006), o qual atravessa um processo de significação que se encontrava estabilizado, deslocando e afetando a memória do dizer por meio da ressignificação de um possível sentido ofensivo a partir do termo.

⁴ <https://youtu.be/TRC4nHKISW0>

[...] o interdiscurso é a memória do dizer. Há coisas que fazem sentido e há as que não fazem. [...] O que tem de ser atingido é justamente essa relação com o interdiscurso, com a memória para poder significar outras coisas. Transformar-se, desenvolver-se. Transferir: produzir efeitos metafóricos, deslizamentos de sentidos [...] (ORLANDI, 2007, p. 141).

Assim sendo, é pelo efeito de memória que perfis do *Instagram*, influenciados por uma interpretação de militância negra, podem dizer que determinadas expressões são racistas. Embora o funcionamento da língua não dependa exclusivamente do recorte normativos de certos sentidos apresentados nos perfis.

Nos deparamos com o discurso de resistência que, a sua maneira, tenta comeder uma memória discursiva, em práticas materiais, no seio da língua, preenchendo a lacuna proporcionada pela falha da ideologia a partir de uma demanda social, a qual irá confluir no batimento entre a discursividade linguística e o elemento racial, resultando em um discurso racializado sobre a língua (MODESTO, 2021).

Portanto, o funcionamento remete ao êxito do *fazer sentido*, assim como um livro que foi pensado, produzido e publicado com o propósito de ser lido, mas funciona muitas vezes como uma indumentária doméstica em uma prateleira, os sentidos poderão ser outros, uma vez que não há como regulamentá-los, embora não se deixe nunca de tentá-lo (ORLANDI, 2007), principalmente, pelos instrumentos linguísticos, sejam eles tradicionais ou eventuais.

É possível concluir que os *posts* do *Instagram* não atingem a profundidade do racismo linguístico, ficando apenas na superficialidade do politicamente correto, consoante já sinalizava Nascimento (2021), mas também que, ao fazê-lo, promovem uma intervenção na língua, cujos resultados são aqui apresentados.

Considerações Finais

Neste trabalho tínhamos como objetivo investigar a maneira como o *Instagram* funciona, reproduzindo/assumindo o ofício de instrumentos linguísticos, sobretudo, do dicionário, tendo em vista as discussões propostas pelos perfis em torno de palavras que, em alguma medida, manifestam potenciais sentidos racistas. Isto é, que colocam em circulação saberes sobre a língua, nos quais se incluía à discursividade racial.

Em primeiro lugar, concernente à dicionarização dos perfis do *Instagram*, empreendi uma discussão, na qual a partir do *corpus*, foi identificada uma regularidade nas publicações, as quais são compostas por denúncia (de racismo), bem como sugestão de alternativas (de opções não racistas), o que nos permitiu caracterizar o *Instagram* como

uma ferramenta que reproduz o funcionamento de instrumentos linguísticos com o prestígio de um saber institucionalizado, mesmo não sendo, uma vez que o discurso sobre a palavra postos em circulação, se estabeleciam sob um efeito de evidência, mesmo que de maneira eventual. Nesse sentido, ainda que ilusoriamente, o sujeito (enquanto subjetivação dos perfis, o sujeito) entende que pode determinar os sentidos, de maneira autossuficiente, uma vez que em sua concepção, ele mesmo é fonte do seu dizer (ORLANDI, 2007).

Relativo aos efeitos de sentido em torno de *denegrir*, por sua vez, identificamos um funcionamento discursivo que apesar de não ser sustentado por um saber especializado, mas se estabelece de acordo com uma memória discursiva desfavorável ao que deriva do significante *negro*. A fim de conter qualquer possibilidade de sentidos racistas, as páginas delimitam fronteiras na relação dos sujeitos na/pela língua, por decorrência de uma formação discursiva constituída pela resistência.

Nesse aspecto, avaliamos como improvável se deparar, nesse momento, com um sentido positivo a partir de *denegrir*, embora um movimento parecido tenha ocorrido com outras palavras, como *escurecer/escurecimento*, em um paralelo com *esclarecer/esclarecimento*. A discussão racial envolve, sobretudo, as condições de produção, que determinam e permitem que determinados sentidos funcionem em detrimento de outros. Devemos pensar além da palavra, mas também em como a formação histórica (NASCIMENTO, 2021) intervém nesse jogo.

Os perfis do *Instagram*, portanto, não só reproduzem determinados funcionamentos do dicionário, mas também de outros instrumentos linguísticos que prescrevem e direcionam a maneira que os sujeitos poderão interpretar e produzir sentidos a partir da intersecção entre a discursividade linguística e o componente racial. Contudo, fazem isso de modo ocasional, tornando-se, assim, instrumentos linguísticos eventuais.

Considero, portanto, que a produção/circulação do saber sobre a língua nem sempre será institucionalizada, especialmente no campo digital. Sendo assim, os limites entre o *senso comum* e o conhecimento científico nas redes sociais (*Instagram*) em relação à língua, se mostram intangíveis.

Referências

ADORNO, Guilherme. Visualizar, ler e compreender o dicionário priberam: divisões políticas da língua no limiar do linguístico e do visual. *Instrumentos Linguísticos*, N. 42, p. 98- 138, jul.-dez., 2018.

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2018.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, Vol. 11, N. 3, p. 631-648, set-dez.2011.
- ERNST, A. G. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do *corpus* discursivo. In: *SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO*, 4., 2009, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- GRIGOLLETO, Marisa. Leitura e funcionamento discursivo do Livro Didático. In: CORACINI, Maria José (org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas: Pontes, 2011. p. 67-77.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, ANPOCS, p. 233-244, 1984.
- GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. *Revista Rua*, Campinas, Vol. 2, N. 15, p. 5-14, 2009.
- GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: a Gramatização Brasileira. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni (Org.). *Língua e Cidadania: o português no Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1996, p. 127-138.
- FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. As coisas-saber sobre uma cidade na Wikipédia e na Desciclopédia: Pouso Alegre entre edifícios e buracos. *Revista Rua*, Campinas, Vol. 2, N. 18, p. 35-58, 2012.
- FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. Saberes Linguísticos Cotidianos. *Revista Porto das Letras*, v. 6, n. 5, p. 324-351, 2020.
- LAGAZZI, Suzy. *O desafio de dizer não*. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- MODESTO, Rogério. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. *Littera Online*, Maranhão, N. 17, p. 124 – 145, 2018.
- MODESTO, Rogério. *Os discursos racializados*. Revista da Abralín, Vol.20, N. 2, p.1-19, 2021.
- NASCIMENTO, Gabriel. Racismo linguístico é sobre palavra?. *Língu@ Nostr@*, Vitória da Conquista, Vol. 8, N. 1, p. 3-15, jan.-jul., 2021.
- NUNES, José Horta. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista das Letras Universidade Católica de Brasília*, Brasília, Vol. 3, N. 1/2, p. 7-21, dez., 2010.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Estrutura ou Acontecimento: o discurso em ruptura*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PETRI, Verli; GUASSO, Kelly. Discurso e tecnologia: uma proposta de análise contrastiva de dicionários online. In: PFEIFFER, Cláudia; DIAS, Juciele Pereira; NOGUEIRA, Luciana (Org.). *Língua, ensino e tecnologia*. Campinas: Pontes, 2020. p. 271-286.

PFEIFFER, Cláudia. O lugar do conhecimento na escola: alunos e professores em busca da autorização. In: *Escritos. Escrita, Escritura, Cidade (III)*. n. 7LABEURB, Campinas-SP, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SOUZA, Matheus Oliveira. *Arquivo das nomeações raciais: “crioulo” e “pardo” nos dicionários de língua portuguesa*. Relatório de pesquisa: Iniciação científica. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2022.

SILVA, Mariza Vieira da. O dicionário e o processo de identificação do sujeito-analfabeto. In: GUIMARÃES, Eduardo; ORLANDI, Eni P. (Org.). *Língua e cidadania: o Português do Brasil*. Campinas/SP: Pontes, 1996: p. 151-162.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. É o nome que faz a fronteira. In: INDURSKY, F; FERREIRA, Mônica. (Org.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 1999. p. 202-215.

ZOPPI-FONTANA, Mônica. O português do Brasil como língua transnacional. In: ZOPPI-FONTANA, Mônica. (Org.). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Editora RG, 2009. p. 12-41.